

Os negativos de vidro no fundo da gaveta (ou como a Fotografia na escola não é arquivo)

Hugo Rodrigues Cunha
Escola Secundária de Camões
Lisboa - Portugal
hugorodriguescunha@gmail.com

Resumo: A Escola é, pela sua natureza, uma instituição de memória pela forma como é obrigada a arquivar inúmeros documentos. No entanto fotografias, apesar das memórias que transportam e do registo visual que constituem, não são na maioria das vezes alvo de um arquivamento sistemático nas escolas. Neste artigo utiliza-se como exemplo a Escola Secundária de Camões, e o acaso da descoberta de negativos antigos em vidro no fundo de uma gaveta, como meio para refletir sobre o papel da fotografia nas escolas em Portugal, mobilizando-se os conceitos de memória colectiva, individual e de história.

Palavras chave: Escola. Fotografia. Liceu de Camões. Arquivo. Memória.

Introdução

A Escola Secundária de Camões é uma das mais antigas e prestigiadas escolas públicas de Lisboa. O meu percurso no *Liceu Camões*, como é vulgarmente conhecida, começa em setembro de 2015 quando lá comecei a dar aulas. Em conversa com colegas percebi a existência, no segundo piso (local privado até 1974 por ser a casa do Reitor da escola), de um laboratório de fotografia analógica desativado há alguns anos. Recebida a chave, encontrei um espaço arrumado e pronto a ser reativado, com quatro ampliadores dos quais apenas dois se encontram em funcionais. Nas gavetas e armários havia algum material técnico (bobinas de revelação, espirais, pinças, objetivas para os ampliadores, lupas de focagem, ...), reagentes químicos fora de prazo, dossiês A4 com negativos de 35 mm, ampliações de fotografias a preto e branco feitas, certamente, naquele laboratório por alunos do Clube de Fotografia¹, e ainda objetos variados perdidos no passar do tempo (canetas, apontamentos, recortes de revistas, batas velhas, molduras clip, ...). Foi no

¹ O Clube de Fotografia terá surgido no final dos anos 70 numa das divisões da antiga casa do Reitor. Dado que não existia na escola qualquer disciplina relacionada com a fotografia, tudo leva a crer que o Clube tenha sido criado por professores e alunos com o intuito de trabalhar a fotografia na escola enquanto atividade extracurricular.

fundo de uma das gavetas que encontrei uma caixa de cartão fechada com fita cola muito envelhecida contendo sete negativos em vidro 18x24 cm, sem data, mas evidentemente bastante antigos. As imagens eram da escola. Mas onde se integram aquelas chapas de vidro? O que mostram realmente e que significado têm?



Figura 1: Caixa de papelão contendo sete negativos de vidro 18x24 cm.

Fonte: Escola Secundária de Camões.

História e Memória

Pierre Nora (1993, p. 9), no seu artigo intitulado “Entre Memória e História” distingue:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (...) A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer (...) que

há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

Distinguir melhor estes conceitos parece-me importante. De onde retiramos a história e o que será simplesmente memória? Nora (1993, p. 14) clarifica:

[Quanto] Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem a necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado.

A 'memória de papel' da qual falava Leibniz tornou-se uma instituição autônoma de museus, bibliotecas depósitos, centros de documentação, bancos de dados. (...) Daí a inibição em destruir, a constituição de tudo em arquivos, a dilatação indiferenciada do campo memorável, o inchaço hipertrófico da função da memória, ligada ao próprio sentido de sua perda e o reforço correlato de todas as instituições de memória (NORA, 1993, p. 15).

(...) um criticismo generalizado conservaria museus, medalhas e monumentos, isto é, o arsenal necessário ao seu próprio trabalho, mas esvaziando-os daquilo que, a nosso ver, os faz lugares de memória. Uma sociedade que vivesse integralmente sob o signo da história não conheceria, afinal, mais do que uma sociedade tradicional, lugares onde ancorar sua memória" (NORA, 1993, p. 9).

Faço aqui uma reflexão partindo das chapas de vidro e considerando os documentos reais como a base da história e as reminiscências pessoais como base da memória.

O Lyceu de Camões

Em 8 de novembro de 1909, e após vários adiamentos, é inaugurado o edifício do *Lyceu de Camões* em Lisboa. Construído no local do antigo matadouro municipal, esta escola foi projetada de raiz com particulares preocupações com os espaços pedagógicos e a salubridade e higiene de todo o espaço. A notícia da abertura vem na primeira página do jornal *Diário de Notícias* desse dia e é ilustrada com uma fotografia geral do edifício onde se podem ver o alçado lateral e frontal sem identificação do fotógrafo (ADAMPOULOS; FALCÃO DE VASCONCELOS, 2009, p. 48). Nos seus 110 anos de existência, o *Lyceu* viveu a *A Monarquia Constitucional*, *A 1ª República*, *O Estado Novo*

e *O Estado Democrático*² (“Historia do parlamentarismo”, [s.d.]) tendo atravessado todos os grandes acontecimentos históricos portugueses do século XX após o regicídio de 1908.

Em 2009, e a pretexto do centenário do edifício, é publicado o livro “Liceu Camões – 100 anos 100 testemunhos” de Sarah Adamopoulos e José Luís Falcão de Vasconcellos (ADAMPOULOS; FALCÃO DE VASCONCELOS, 2009). Este livro constitui-se como um importante documento sobre a Escola Secundária de Camões, não só numa dimensão abrangente da História dos seus cem anos, mas também na reunião de depoimentos, muitos deles facultados em especial para serem integrados no livro, e onde à recordação individual de memórias é dada a mesma importância que aos factos históricos. Os testemunhos são de pessoas que passaram pela escola ao longo desse tempo, desde alunos, a professores e a funcionários não docentes, muitos figuras públicas prestigiadas de diversas áreas (política, desporto, cultura) outros completamente anónimos da generalidade das pessoas, mas todas vivenciando o edifício diariamente durante algum tempo.

A Escola é, pela sua natureza, uma instituição de memória na forma como arquiva tudo: processos de alunos e professores, atas de reuniões, enunciados e resoluções de exames, requisições de materiais e livros, livros de ponto, aluguer e empréstimo de material e instalações, infundáveis normas burocráticas. Através destes pode-se construir uma história de muitos factos. Numa instituição com mais de cem anos, e se não tivessem existido acidentes, como incêndios (“Arquivo do Liceu Camões destruído por incêndio”, [s.d.]), podia perceber-se, por exemplo, como foram evoluindo os livros de ponto, como eram registados os sumários, como eram encarados os currículos. Podia fazer-se uma história institucional de uma escola com inúmeras coisas em comum com todas as outras da sua época.

Para além do arquivo burocrático, cada escola tem também o seu material físico de mobiliário (armários, secretárias, quadros, estantes, ...) e pedagógico (mapas, modelos variados, manuais, equipamentos, ...). No caso da Escola Secundária de Camões, esta tem um importante espólio, parte dele guardado num pequeno Museu e o restante espalhado um pouco por todo o edifício e à guarda dos diferentes grupos e departamentos curriculares.

² História do Parlamentarismo. Disponível em:
<<https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/historia-do-parlamentarismo.aspx>>.

Sobre o espólio da Escola, Marta C. Lourenço (2014, s/p.) refere, no seu *Parecer sobre o património e coleções da E.S. de Camões, Lisboa*, que:

(...) deve ser assinalada a diversidade das coleções histórico-científicas. Acumuladas ao longo de décadas para apoio ao ensino das ciências naturais, física, geografia, química e matemática, entre outras, as coleções incluem instrumentos científicos e de desenho, ferramentas e utensílios diversos, rochas (magmáticas, metamórficas, sedimentares e ornamentais), fósseis, minerais, areias, modelos (cristalográficos, geológicos, botânicos, anatómicos, matemáticos, de arquitetura e artes decorativas), herbários, preparações microscópicas, espécimes zoológicos taxidermizados, em esqueleto e em coleção líquida (aves, mamíferos, anfíbios, répteis, peixes, insectos, crustáceos), quadros parietais, globos, entre tantos outros. As coleções não se encontram totalmente inventariadas (o inventário está em curso), mas estimo que o total de exemplares ronde os 5 mil.

destacando ainda:

Algumas coleções possuem um significado histórico-científico e uma raridade no contexto português que transcendem largamente o nível local. Assim, vale a pena destacar o magnífico Herbário de São Tomé e Príncipe, a Coleção de Modelos de Botânica Brendel – talvez uma das maiores do nosso país –, o torso humano em cera (...).

Alguns desses exemplares (863 peças) estão registados e documentados com fotografias no *Inventário Online do Património Museológico da Educação* (“Património Museológico da Educação - Inventário online”, [s.d.]).

A Fotografia na E.S. de Camões

No *Parecer sobre o Património...*(LOURENÇO, 2014) a fotografia apenas é referida como um dos “elementos patrimoniais individuais” da escola e no *Inventário Online...* (“Património Museológico da Educação - Inventário online”, [s.d.]) surgem apenas alguns elementos óticos (como um estereoscópio, cartões estereoscópicos, uma câmara fotográfica) mas não fotografias da escola.

O livro de Adamopoulos e Falcão de Vasconcellos (2009) tem inúmeras fotografias de diversa índole e origem: imagens atuais do edifício e feitas para a publicação, fotografias do Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, da Direção-Geral de Arquivos/Arquivo da Torre do Tombo, mas a maioria pertencente “ao arquivo do Liceu de Camões, bem como a arquivos pessoais de antigos professores e alunos” não identificados.

Na procura cruzada no acervo *online* do Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, foi na busca por “Escola Secundária de Camões” (“Pesquisa - Arquivo

Municipal Lisboa - Sala Leitura”, [s.d.]) que surgiram mais entradas, treze, incluindo três onde a escola aparece apenas em segundo plano. Das restantes dez, nove são vistas exteriores do edifício e uma do interior do ginásio central numa ocasião especial, eleições em 1911, onde se vê o edifício cheio de homens (fotografia de Joshua Benoliel) (BENOLIEL, [s.d.]). Todas as dez fotografias têm um carácter bastante formal, ainda que com qualidade variada. Apresentam-se os fotógrafos e as datas das fotografias: **Joshua Benoliel** - 3 fotografias: 1909 (2), 1911 (1) - 9x12 cm – negativos em vidro; **Alberto Carlos Lisma** - 3 fotografias: 1909 (1), s/data possivelmente 1909 (2) - 9x12 cm – negativos em vidro; **Arnaldo Madureira** - 2 fotografias: 1960 - 6x6 cm – negativos em acetato de celulose; **Augusto Fernandes** - 2 fotografias: 1967 - 6x6 cm – negativos em acetato de celulose; **Autor desconhecido** - 1 fotografia: 1914 - 9x12 cm - negativo em vidro.

As fotografias da Direção-Geral de Arquivos/ Arquivo da Torre do Tombo reproduzidas no Livro de Adamopoulos e Falcão de Vasconcellos (2009) correspondem todas a ocasiões oficiais (jantares de gala, reuniões oficiais, exames de admissão à faculdade, discursos de personalidades, ...) feitas, na sua maioria, com a carga formal que cada um daqueles acontecimentos impunha, não sendo atribuída autoria às fotografias.

Ainda no mesmo livro, das imagens pertencentes a arquivos pessoais, a maioria mostra retratos de grupo, com alunos e professores, feitos no espaço escolar ou em visitas de estudo, mas que denotam alguma descontração e descompressão da formalidade e austeridade que se sabia existir nas escolas antes do 25 de abril de 1974³. É curioso verificar que, após esta data, o conteúdo das fotografias evolui num sentido de mostrar não só a descontração, mas também uma crescente informalidade e ousadia no dia-a-dia e nas atividades extracurriculares de alunos e professores.

A realidade é que, na escola, não existe qualquer arquivo fotográfico organizado. Os registos fotográficos sujeitos a catalogação encontram-se fora da escola, como os já referidos Arquivo Municipal de Lisboa e a Torre do Tombo. É bastante provável que se encontrem fotografias da escola organizadas em periódicos (como os jornais *Diário de Notícias* ou o extinto *O Século*) mas tal não foi possível verificar para este artigo. Na própria escola existem apenas algumas fotografias soltas espalhadas pelo espaço escolar. Assim não é de estranhar que a maioria das imagens de *Liceu Camões - 100 anos 100*

³ O 25 de abril de 1974 foi a data da revolução que pôs termo a mais de quatro décadas da Ditadura do Estado Novo em Portugal. Ficou conhecida como a *Revolução dos Cravos* pois os militares que ocupavam as ruas tinham cravos vermelhos nos canos das espingardas como símbolo da revolta sem violência armada.

testemunhos pertençam a *arquivos particulares*, ou seja, aos álbuns nas prateleiras da estante ou no fundo das cómodas.

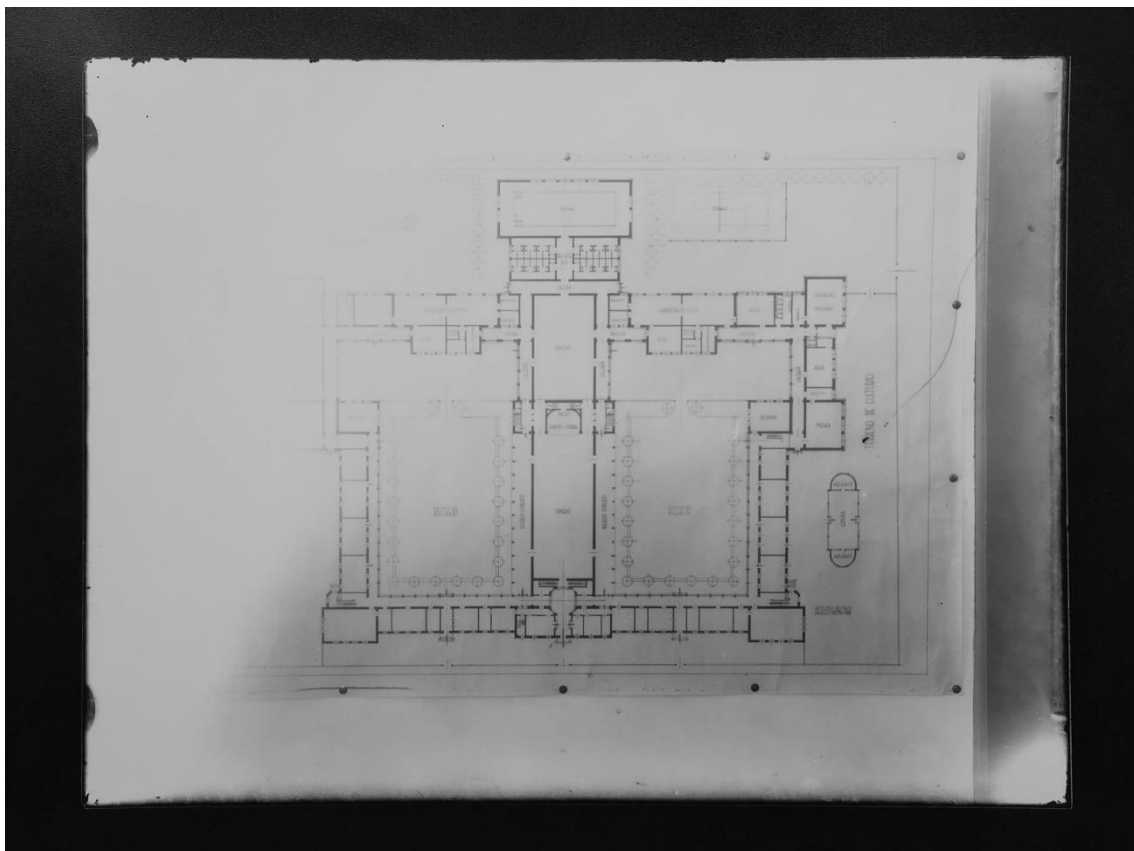
Regresso agora ao início do artigo, e às chapas que encontrei na gaveta. São sete negativos em vidro, 18x24 cm. Todas as fotografias são de interiores, quatro de Laboratórios (possivelmente de Física, Química e Biologia) duas salas (Geografia e Física) e uma de uma planta da escola (que não corresponde na íntegra a qualquer edificação efetivamente concluída) presa a uma parede com parafusos. As fotografias devem ser da segunda metade da década de 1920, talvez durante a construção dos Gabinetes de Física e de Química em 1927.⁴ Enquanto documento histórico, a fotografia (tirando os retratos de identificação dos alunos) não pertence aos arquivos oficiais: não é ata, não é processo, não é exame, não é livro de ponto. Daí talvez estes negativos em vidro aparentem estar esquecidos literalmente no fundo de uma gaveta.



Figura 2: Um dos negativos de vidro encontrados no Laboratório de Fotografia

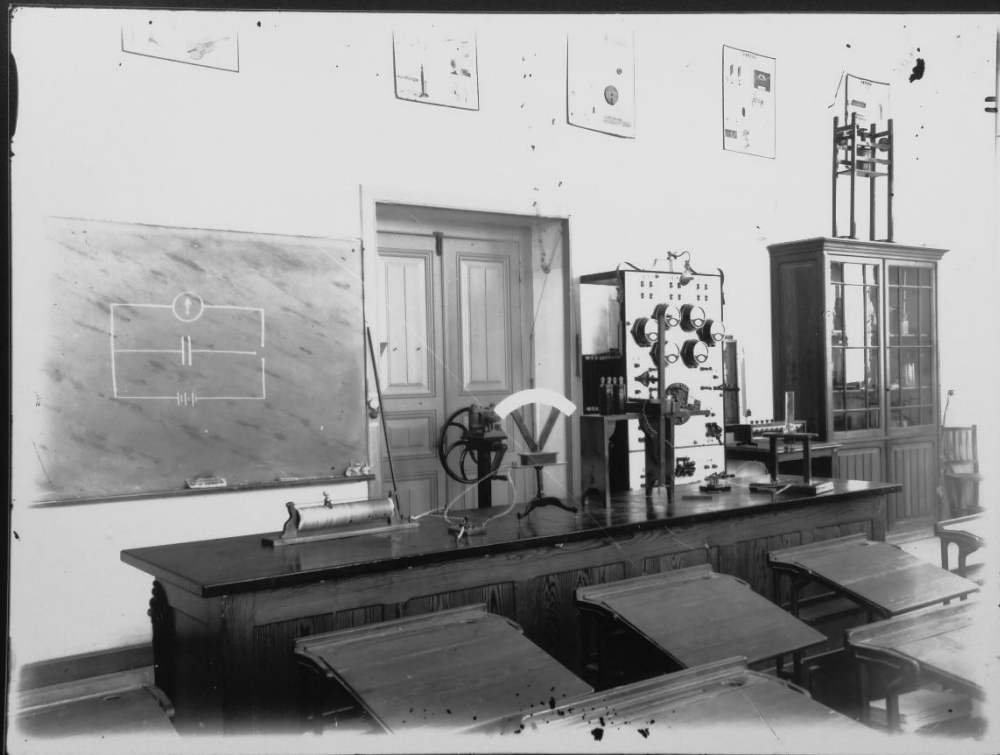
Fonte: Escola Secundária de Camões.

⁴ Os laboratórios de Física e Química das fotografias são os anteriores à construção dos Gabinetes em 1927. Sendo de prever que as fotografias dos sete negativos tenham sido feitas em momentos próximos, haver uma planta aparentemente de obra indicia poder a escola estar a ser alvo de obras.









Figuras 3 a 9: Provas de contacto das sete chapas encontradas no Laboratório de Fotografia (impressão sais de prata sobre papel fotográfico - fevereiro 2020).
Fonte: Escola Secundária de Camões.

A verdade é que, seguindo a visão de Nora (1993), estas fotografias podem ser fontes históricas, podem até ser vistas enquanto pertencentes a uma memória coletiva do edifício, mas não são a memória de um indivíduo (aluno, professor, ...) nem remetem para um acontecimento concreto. São imagens materiais (vidro e emulsão fotográfica exposta à luz) que me transmitem a agitação de estar a viver um pouco da história do que foi o *Lyceu*, mas não me fazem recordar nem remetem para um acontecimento histórico concreto. A memória daquelas fotografias não está no passado, mas está no futuro, no meu futuro, sempre que as recordar, sempre que recordar o Camões.

Quando recordo o passado, quando evoco uma memória e uma memória pelas fotografias, evoco a minha memória. Ainda que possa fazer a história pela fotografia, a recordação do aluno, do professor ou de outro qualquer funcionário que tenha passado pelo *Liceu Camões* não será feita por estas fotografias, mas pelas suas próprias fotografias, ou dos seus colegas, ou dos seus amigos. Se um profissional pode pensar que está a fazer uma fotografia para a história, o residente *Camoniano* (como por vezes são referidas as pessoas que passaram pelo Liceu) foi sempre fazendo as fotografias para si.

Enquanto instituição de memória, a fotografia de Escola, da escola de cada um de nós, na escola que cada um de nós frequentou, é a sua fonte de memória, mesmo que não o seja para mais ninguém. O retrato da turma da 1ª classe que o fotógrafo foi à escola fazer é, em si, uma instituição da memória coletiva daqueles alunos e daquele ou aquela professora. Se conseguisse ter todas as fotografias de todas as turmas do 1º ano de Portugal num determinado ano letivo, continuava a não ter as memórias de ninguém. Podia ver e comparar as roupas, os penteados, os cenários, mas nada sabia sobre cada uma daquelas pessoas, e não podia fazer história só por si. Enquanto fotografia, todas as imagens que encontrei nas gavetas dos exercícios dos alunos do Clube de Fotografia, todos os negativos nos dossiês, têm muito mais memórias do que eu poderei alguma vez suspeitar. Posso ver como eram antigamente as caves, ou como campos de jogos se tornaram parques de estacionamento, e agora monoblocos de aulas durante as obras de requalificação, mas nunca posso adivinhar o que a pessoa que fez a imagem sentiria se a voltasse a ver.



Figura 10: Dossiê contendo negativos do antigo Clube de Fotografia E.S. Camões (fotografia atual).
Fonte: Escola Secundária de Camões.



Figura 11: Gaveta com ampliações feitas por elementos do antigo Clube de Fotografia E.S. Camões (fotografia atual).

Fonte: Escola Secundária de Camões.



Figura 12: As Caves da E.S. Camões (assinado no verso *Alexandra – s/data – arquivo da gaveta*).

Fonte: Escola Secundária de Camões.



Figura 13 e 14: O mesmo espaço enquanto campo de jogos (assinado no verso: Susana Fonseca – s/data – *arquivo da gaveta*) e com monoblocos (fotografia atual – 2020).

Fonte: Escola Secundária de Camões.

Mas a escola, o *Lyceu*, é mais do que um espaço físico com materiais e recursos pedagógicos com caráter histórico. É um local de relações, emoções e sentidos onde se ensina e aprende um pouco de tudo. A memória da história de uma escola é, primeiro que tudo, uma memória individual, de cada aluno, de cada professor, de cada funcionário. Destas as mais importantes são, sem dúvida, as memórias dos alunos. São em muito maior número, mais intensas, mais puras e mais emocionais pela idade dos seus intervenientes. É também para e pelos alunos que a escola existe. Não faz sentido pensar e fazer história da escola sem alunos. Pela idade com que frequenta a escola, o aluno não a vê pensando no filtro da História, não é essa a sua preocupação primeira. Mesmo em adulto, o ex aluno recorda a sua escola tal como a via enquanto aluno, no tempo e no espaço, pois é na vivência da experiência individual que reside a sua a memória.

Considerações Finais

Mas qual o papel da Fotografia numa instituição educativa e, em particular, na Escola Secundária de Camões? Pela ausência de arquivismo fotográfico nas escolas, o papel da fotografia terá forçosamente de ser memória, e ainda bem que o é. É pela memória de cada um que se constrói a memória coletiva da escola; é pelas histórias de sucessivas gerações nos mesmos espaços que se adensa a história, se constrói e reforça o Lugar.

Acabando como comecei, as chapas de negativos encontradas podem constituir-se como memórias do *Lyceu*, do seu espaço, dos materiais e mobiliário dos laboratórios

e salas, da sua organização. São, neste aspeto, documentos históricos que contribuem para o conhecimento da história do edifício. Mas para mim foram memória da Fotografia, descobrir documentos originais, imagens feitas diretamente no espaço que mostram, foi poder sentir de que forma uma câmara de grande formato terá sido colocada num tripé, as chapas carregadas no escuro e tratadas com o cuidado que uma preciosidade de vidro exige, quer antes, quer depois de expostas. À minha frente tinha o Camões fixado numa forma de fotografia que nunca tinha tocado. Foi como encontrar um tesouro. Aquelas chapas, ainda que sejam história da escola, são para mim um mais a acrescentar a tudo, são a memória da Fotografia. Eduardo Lourenço e Souza (2016, p. 237) escrevem:

O 'sentido' pode pois oferecer-se sob duas modalidades diferentes: o sentido patente e o sentido latente. Se nós nos confinamos ao sentido patente de um *texto*, se ele parece não possuir senão essa potência, essa leitura que o esgota sem resíduo ou que como tal vive, nós estamos no domínio da prosa (...). Mas se todo o texto manifesta o triunfo do latente nele sobre o patente, se este patente – sempre primeiro na ordem do sentido – de si manifesta uma impotência que é sinal de encoberta riqueza, então a realidade *poética* sobrevém e impõe-se como sendo a sua verdadeira realidade.

Ainda que aquelas chapas tenham começado por ser prosa, rapidamente se revelaram em mim como poesia.

THE GLASS NEGATIVES AT THE BOTTOM OF THE DRAWER (OR AS THE SCHOOL PHOTOGRAPHY IS NOT AN ARCHIVE)

Abstract: School is, by its nature, a memory institution due to the way it is obliged to archive numerous documents. However, photographs, in spite of the memories they bring and the visual record they compose, are most often not the target of systematic archiving in schools. In this article, we use the circumstance of discovering old glass negatives in the bottom of a drawer in Escola Secundária de Camões as an example, and a mode to reflect on the role of photography in schools in Portugal, mobilizing the concepts of collective memory, individual and history.

Keywords: School. Photography. Liceu de Camões. Archive. Memory.

Referências

ADAMPOULOS, S.; FALCÃO DE VASCONCELOS, J. L. *Liceu de Camões: 100 anos, 100 testemunhos*. Lisboa: Quimera Editores, 2009.

ARQUIVO do Liceu Camões destruído por incêndio. Disponível em: <https://www.publico.pt/2005/01/30/jornal/arquivo-do-liceu-camoes-destruido-por-incendio-3395>. Acesso em 13 jun. 2020.

BENOLIEL, J. **Eleições em Lisboa**. Disponível em: <https://bityli.com/nxJE2>. Acesso em 13 jun. 2020.

HISTORIA do parlamentarismo. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/historia-do-parlamentarismo.aspx>. Acesso em 13 jun. 2020.

LOURENÇO, E.; SOUSA, C. M. DE. **Obras completas de Eduardo Lourenço**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016. v. III-Tempo e Poesia.

LOURENÇO, M. C. **Parecer sobre o Património e Coleções da E.S. de Camões**, Lisboa, maio 2014.

NORA, P. Entre Memória e História - A problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PATRIMÓNIO Museológico da Educação - Inventário online. Disponível em: <http://edumuseu.sec-geral.mec.pt/default.aspx>. Acesso em 13 jun. 2020.

PESQUISA - Arquivo Municipal Lisboa - Sala Leitura. Disponível em: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx>. Acesso em 13 jun. 2020.

SOBRE O AUTOR

Hugo Rodrigues Cunha é doutorando em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra; docente da Escola Secundária de Camões, Lisboa - Portugal.

Recebido em 02/05/2020

Aceito em 06/07/2020